

IDENTIDADE E ALTERIDADE EM HERÓDOTO: GREGOS E EGÍPCIOS

Liliane Tereza Pessoa Cunha

Professora Doutora Marcia Severina Vasques (Orientadora)

Departamento de História – UFRN

lilapessoa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Considerando os avanços no tocante aos estudos acerca da etnicidade, alteridade e identidade no campo da História Antiga, que vem se destacando desde a década de 90, do século XX, o referido projeto, orientado pela Professora Doutora Marcia Severina Vasques e desenvolvido pela bolsista de iniciação científica Liliane Tereza Pessoa Cunha, se propõe a compreender as relações entre gregos e os “outros”, tomando como referência os três primeiros livros das *Histórias* de Heródoto. Para tanto, o projeto foi iniciando com base nas discussões teóricas acerca dos conceitos de identidade, alteridade e etnicidade estendendo-se durante todo um semestre. Durante o segundo momento da pesquisa, partimos para a análise das *Histórias*, começando pelo livro I, intitulado *Clio*, com o objetivo de compreender qual o sentido da história para Heródoto e, além disso, compreender para quem ele escreve, qual a sua intenção ao escrever e quais as fontes utilizadas por ele.

Nos livros II e III – Euterpe e Tália – pretende-se observar como Heródoto, um grego, descreve os egípcios, usando como referencial o método de análise do discurso aplicado pelo historiador francês François Hartog, em sua obra *O Espelho de Heródoto*. Dessa forma, esse artigo tratará de resultados parciais frutos da pesquisa que vem sendo realizada ao longo do ano. Pretende-se ainda realizar uma pequena discussão conceitual a respeito da alteridade, etnicidade e identidade com base nos principais teóricos debatidos ao longo do ano e, após essa discussão, iniciar uma breve aplicação dessa perspectiva na obra de Heródoto.

ANÁLISE CONCEITUAL: IDENTIDADE, ALTERIDADE E ETNICIDADE

Desde a década de 90, do século XX, os estudos acerca dos conceitos de etnicidade, identidade e alteridade estão ganhando destaque no campo das pesquisas que envolvem os gregos antigos e os “outros”, isto é, todos aqueles que não eram gregos, para estes últimos. Em decorrência de tal afirmação, utilizou-se como manual de estudos os trabalhos de grandes pesquisadores na área, como a historiadora Cibebe Aldrovandi, os historiadores Jonathan Hall, François Hartog e Peter Burke, os sociólogos Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart e o antropólogo Fredrik Barth.

No tocante aos estudos acerca da etnicidade, a obra base foi *Teorias da Etnicidade*, dos sociólogos Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart. Diante disso, Poutignat e Streiff-Fenart procuram elaborar um estudo que abarque as primeiras utilizações do conceito de etnicidade, bem como compreender como essa temática se insere em nos debates sobre as noções de raça, etnia, nação e grupo étnico.

Pois bem, conforme Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, durante muito tempo, a etnicidade é assimilada a categoria descritiva, tratando de problemas de outras naturezas - como a integração nacional, assimilação dos imigrantes, racismo - do que um conceito sociológico, definindo um objeto científico. Isajiw (1974) aponta a etnicidade com base na pertença involuntária. Definição esta imprecisa e incoerente que será utilizada no decorrer dos anos. Glazer e Moynihan (1975), por sua vez, não definem concretamente o termo. Relacionam-no ao “caráter ou qualidade de um grupo étnico.” (POUTIGNAT, 1998: 85).

Nesse sentido, confusões sobre etnicidade são constantes, indicando-a como uma qualidade referente aos grupos étnicos ou apontado-a como a existência dos próprios grupos étnicos. Alguns pesquisadores indicam-na como um “conjunto de atributos ou de traços tais como a língua, a religião, os costumes, o que a aproxima da noção de cultura, ou a ascendência comum presumida dos membros, o que a torna próxima da noção de raça.” (POUTIGNAT, 1998: 86). De acordo com Gordon, a etnicidade corresponde ao sentimento de formação de um povo. Connor, por sua vez, afirma que quando o sentimento de formação vem à tona é preciso substituir etnicidade por nacionalismo.

Há momentos em que ela indica comportamento à coletividade do grupo, como afirma Cohen (1974) e outros que indicam representações ou sentimentos de pertencimento, como De Vos (1975) Hechter (1974?) e Brass (1976) e ainda pode ser avaliada em termos de ação e estratégia, como aponta Deshen (1974). Nesse contexto, Burgess (1978) tentará unir todos estes aspectos em uma única definição:

1. Pertença de grupo; 2. Identidade étnica; 3. Consciência da pertença e/ou das diferenças de grupo; 4. Ligações afetivas ou vínculos baseados num passado comum e putativo e nos objetivos ou interesses étnicos reconhecidos; 5. Vínculos elaborados ou simbolicamente diferenciados por 'marcadores' (uma tradição, emblemas, crenças culturais, territoriais ou biológicas). (POUTIGNAT, 1998: 86).

Essa pluralidade nas abordagens que tornará o conceito da etnicidade "preciso", parte dos conteúdos divergentes relacionados ao termo. Desse modo, as abordagens serão divididas e descritas pelos sociólogos ao longo de sua obra. Assim sendo, ela se dividirá com base na extensão do parentesco e no paradigma sociobiológico, será analisada ainda voltada à questão do primordialismo, nas teorias instrumentalistas e mobilizacionistas, com base em interesses comuns, nas teorias neomarxistas, nas abordagens neoculturalistas e por fim como forma de interação social, em que o autor se detém a desenvolver os estudos sobre grupos étnicos e suas fronteiras, baseado no antropólogo Fredrik Barth.

Ainda sobre tais conceitos, o historiador Jonathan Hall, em seu artigo *Quem eram os gregos?*, publicado no ano de 2001, pela *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, da Universidade de São Paulo, aponta que inicialmente deve-se atentar que o conceito de etnicidade relaciona-se mais com a percepção que os membros de um grupo têm de si e do grupo pertencente do que a percepção que o outro teria de tal grupo. E o grupo étnico não é definido pelas diferenças observadas, mas sim pelas diferenças que os membros do grupo consideram significantes. Daí pode-se questionar se a etnicidade está relacionada com a visão que o outro possui de um dado grupo ou se ela é a visão do próprio grupo. Hall responde, na medida em que aproxima a etnicidade mais a visão interna do grupo do que da visão externa, o que acaba sendo um problema para as

pesquisas, pois o que temos, na maioria das vezes, são registros de um povo, quando se tratando de antiguidade, em oposição ao outro.

Nesse sentido, Hall analisará em seu artigo a formação da identidade grega, que se configurará em oposição ao outra, ou seja, ao bárbaro. Com feito, a denominação que os gregos escolheram para si e para o seu território (helenos e helas), assim como outros povos, relaciona-se com a etnicidade, isto é, os aspectos que formam certo povo e os diferenciam dos demais e o advento de um nome facilitaria a categorização (“habilidade em dividir o mundo entre ‘nós’ e ‘eles’” - HALL, 2001: 216) desses aspectos, contribuindo ainda na definição de sua identidade.

A respeito dos gregos e bárbaros, o historiador François Hartog, em sua obra *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*, afirma que conforme historiadores gregos, em algum momento da civilização, a distinção entre gregos e bárbaros não existia, como observado por Tucídides, nos poemas homéricos. Não há menção sobre os bárbaros, pois, segundo Tucídides, a união entre os gregos, em oposição aos outros povos, seria inexistente. Na verdade, a única menção feita na epopéia homérica refere-se aos Cários, e estes são descritos como barbarófonos, ou seja, são povos com pronúncias diferentes.

Os povos que posteriormente seriam gregos possuíam ligação com os bárbaros, como é o caso dos atenienses, que pertenciam aos Pelasgos. Estes, segundo Heródoto, “eram bárbaros e falavam uma ‘língua bárbara’”. (HARTOG, 2004: 94). Os atenienses, por exemplo, com o tempo, passariam por um processo de adaptação, na qual denomina como grecidade, e assim aprenderiam uma nova língua. Para Hecateu de Mileto, toda a Grécia e o Peloponeso foram habitados por bárbaros.

Neste contexto, Hartog afirma que a grecidade poderia ser adquirida, não sendo um processo restrito, pelo menos inicialmente, quando os costumes estavam em processo de definição. Hartog atribui a “plasticidade cultural” dos gregos, como o principal responsável pelo processo de interação grega com os demais povos. Este fato indica então um contato entre gregos e bárbaros, o que possivelmente aponta para uma convivência “harmônica” inicialmente entre gregos e bárbaros.

“Os gregos – a começar pelos atenienses – tornaram-se plenamente gregos, enquanto os bárbaros permaneceram bárbaros.” (HARTOG, 2004: 95). Com a formação de identidade grega, os gregos se desenvolveram, enquanto que os bárbaros continuaram bárbaros, sendo o seu principal representante, os persas. Segundo o paradigma Lévi-Straussiano das “sociedades quentes” e das “sociedades frias”, o bárbaro poderia crescer, tornando-se um grego, ou permanecer em sua situação bárbara, respectivamente.

Com efeito, é no século VI e V a.C., que acontece a divisão antagônica entre gregos (*hélènes*) e bárbaros (*bárbaroi*) e as guerras Médicas foram às responsáveis por acelerar este processo de dicotomia. Dessa forma, há uma formação no processo de alteridade, em que os gregos estão de um lado e todos os outros não gregos, que seriam bárbaros, de outro. O bárbaro teria uma face - a persa - definida com o desenrolar das guerras Médicas. A figura estereotipada do bárbaro seria representada pelo grande rei Xérxes e o território bárbaro predominantemente asiático.

Nesse sentido, surgiria uma oposição entre Europa e Ásia. Essa oposição, posteriormente, será analisada, por Hegel, nos poemas homéricos. Os troianos serão definidos como os bárbaros asiáticos. Desse modo, Heródoto faz menção ao sacrifício de Artaíctes, um bárbaro, no mesmo local do sacrifício de Protesilau (primeiro morto na guerra de Tróia). Artaíctes seria morto pelos atenienses, enquanto Protesilau, ao que tudo indica, é morto por Heitor, um troiano, ou seja, “bárbaro”. Este fato seria uma resposta grega aos bárbaros, que põe fim a guerra e a obra de Heródoto, uma narrativa da guerra.

Em outro momento, há uma tentativa de legitimar que a democracia grega é viável e a monarquia seria algo barbarizado. O poder equivaleria a todos os indivíduos iguais, sendo uma representação da liberdade, da fala e da persuasão grega. Heródoto aponta que Atenas só se destaca a partir do momento em que substituiu a tirania pela democracia. Isto é, a democracia é justa e a tirania e a monarquia são formas ilegítimas e incorretas de governar. Estamos diante de uma tentativa de construir uma Grécia superior, que necessariamente será erigida em oposição ao modelo de outro povo, denominado por eles como inferior. Enfim, essa tentativa de tornar a Grécia um modelo, tendo em vista a oposição a outro povo, refere-se aos traços culturais e não

precisamente ao território grego. O sentimento grego (helenos) está relacionado à formação e a definição dos traços culturais que ligariam todos os gregos em oposição aos bárbaros, indicando assim uma relação de identidade e alteridade, haja vista que os gregos vão se definir em detrimento dos bárbaros.

HERÓDOTO E SUAS *HISTÓRIAS*

Heródoto, que viveu entre 480 a.C e 446 a.C aproximadamente, foi um grego que presenciou as duas principais guerras envolvendo a Grécia: as Guerras Médicas, entre gregos e persas e a Guerra do Peloponeso, conflito entre Atenas e Esparta. Conforme a historiadora Cynthia Morais, Heródoto construiu sua obra com base em viagens. Ele teria percorrido “o Oriente Médio, Mar Negro, Grécia e Itália do sul, região da Magna Grécia, tornando-se cidadão de Túrio, cidade fundada por atenienses.” (MORAIS, 2004: 15).

De acordo com François Hartog, Heródoto se enquadraria na ideia de *theoría*, ou seja, viajar para ver, o que definiria os homens sábios. Nesse sentido, há uma aproximação com a etnografia e a antropologia, uma vez que Heródoto realiza as suas viagens e a partir daí constrói a sua narrativa. Seria pertinente também enquadrá-lo nos aspectos da filosofia, haja vista que o filósofo quer conhecer e aprender sobre o mundo. “Ele sabe que se aprende vendo, pois compreende o que vê e sabe dar-lhe razão.” (HARTOG, 2004: 105). Então, a *sophía* (sabedoria) relaciona-se diretamente com a *pláne* (viagens).

No primeiro livro de suas *Histórias*, Heródoto se propõe a definir qual seria o sentido da história em sua concepção. Com o intuito de servir de guia aos homens do futuro, bem como registrar os grandes feitos de gregos e bárbaros, isto é, todos aqueles que não são considerados gregos, Heródoto apresenta a sua narrativa sobre os outros, tentando se “distanciar” da sua condição de grego. Embora aponte a sua versão dos fatos ou o seu ponto de vista sobre determinados aspectos, o autor procura mostrar ainda as várias visões existentes sobre um determinado povo.

Para o historiador francês François Hartog, Heródoto, em suas *Histórias*, refere-se e descreve os bárbaros como se eles estivessem em contato com os gregos, fator que está implícito na sua obra. Com efeito, o intuito de Heródoto de Túrio ao escrever os seus relatos de viagens, denominado *Histórias*, seria impedir que as grandes realizações das civilizações não fossem esquecidas com o tempo, preservando assim as memórias destas.

CONCLUSÃO

No decorrer do semestre, primeiramente optou-se por discutir os conceitos-chaves que norteiam o estudo como as definições referentes à etnicidade, identidade e alteridade. A fim de esclarecer tais conceitos, foi utilizada como aporte teórico a obra de Philippe Poutignat, *Teorias da Etnicidade* (1998). Como já citada anteriormente, essa obra procura abarcar as principais discussões acerca do conceito de etnicidade ao longo dos anos. Para isso, o autor opta por fazer uma discussão utilizando os principais teóricos que lidaram ou lidam com a temática, bem como as principais abordagens sobre a etnicidade. Nesta mesma perspectiva, foi utilizada ainda a pesquisa do antropólogo Fredrick Barth, a qual está inserida na obra *Teorias da Etnicidade*, do Philippe Poutignat (1998), sobre contatos entre grupos distintos, o que o Barth denomina de *grupos étnicos e suas fronteiras*.

Considerando ainda a mesma temática de discussão, direcionando a análise para a civilização grega, Jonathan Hall, analisa a formação de uma possível identidade criada entre os gregos em oposição aos demais, que se diferenciariam desses, isto é, os bárbaros, denominando este processo de alteridade. Nesta mesma concepção, Hartog analisa o processo de formação da identidade grega em detrimento dos bárbaros e, conseqüentemente, a formação da denominação “bárbaro”. O historiador aponta ainda possíveis semelhanças entre esses povos, que inicialmente teriam vivido de forma harmônica antes da criação de uma identidade por parte dos gregos – Hartog afirma que apenas nos séculos VI e V a.C., acontecerá a divisão antagonica entre gregos (*hélènes*) e bárbaros (*bárbaroi*), com a atuação catalisadora das guerras Médicas. Por fim, toda

essa análise conceitual contribuirá na identificação de tais definições nas *Histórias* de Heródoto - considerando os livros I, II e III. O livro I, como já mencionado, delimita a visão de história para Heródoto. Os livros II e III, por sua vez, possibilitarão compreender como um grego constrói a sua visão do outro, isto é, dos egípcios, em sua obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDROVANDI, Cibele E. V. *Etnicidade, helenicidade e alteridade: apontamentos sobre a visão do outro e de si mesmo no mundo antigo*. S.P., LABECA – MAE/USP.

Disponível:

<http://www.mae.usp.br/labeca/pdf/Textos_aula/ALDROVANDI%20Etnicidade,%20Helenicidade.pdf>

BRYAM, Robert; [et al]. *Raça e Etnicidade. Sociologia: sua bússola para um novo mundo*. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. Rio Grande do Sul: Editora UNISINOS, 2003.

HALL, J. Quem eram os gregos? *Revista do Museu de Arqueologia e etnologia*, São Paulo, 11: 213-225, 2001.

HARTOG, F. Invenção do Bárbaro e o inventário do mundo. In.:_____. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004, p. 93-122.

HARTOG, F. *O espelho de Heródoto*. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

HERÓDOTOS. *História*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1988.

MUNANGA, Kabengele. Racismo, discriminação racial e ações afirmativas: a sociedade atual. In: GOMES, Nilma Limo; MUNANGA, Kabengele. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006 .

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.